

REVISÃO DE LITERATURA IDENTIFICADO

ESCREVIVÊNCIAS COMO RESISTÊNCIA: A ESCRITA DE MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM CONCEIÇÃO EVARISTO

ESCREVIVÊNCIAS AS RESISTANCE: THE WRITING OF WOMEN VICTIMS OF GENDER-BASED VIOLENCE IN CONCEIÇÃO EVARISTO

Vanessa Figueiredo de Souza Alcântara¹, Ana Carolina de Gouvêa Dantas Motta²,

vanessafisouza@gmail.com; ana.motta@afya.com.br

1.Egressa do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA), da Afya Unigranrio, Campus Duque de Caxias. 2.Professora do curso de Administração e do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA/ Unigranrio), da Afya Unigranrio, Campus Duque de Caxias.

Eixo Temático: Eixo 05 – Cultura, Comunicação e ODS: Estratégias e Desafios Globais.

RESUMO

Este artigo investiga a escrita de mulheres como instrumento de resistência e transformação diante da violência de gênero, com foco nas obras *Becos da Memória* e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* de Conceição Evaristo. Fundamentado no conceito de *escrevivência*, a pesquisa analisa como a linguagem literária permite reinterpretar experiências traumáticas, transformando-as em expressão artística e ação política. A abordagem interdisciplinar integra literatura, teoria feminista, estudos de gênero e teoria do afeto, inspirada na metodologia íntima proposta por Eve Sedgwick. Além disso, enfatiza-se a necessidade de uma compreensão ampliada da violência doméstica, baseada no modelo de controle coercitivo de Michael P. Johnson, fomentando reflexão crítica sobre as inter-relações entre escrita, memória e identidade feminina. Por fim, o artigo destaca a importância da literatura como ferramenta estratégica nos estudos organizacionais, especialmente na promoção de lideranças empáticas, políticas inclusivas e culturas corporativas comprometidas com a equidade de gênero.

Palavras-chave: Violência de gênero. *Escrevivência*. Conceição Evaristo. Organizações.

ABSTRACT

This article investigates women's writing as an instrument of resistance and transformation in the face of gender-based violence, focusing on the works *Becos da Memória* and *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* by Conceição Evaristo. Grounded in the concept of *escrevivência*, the research analyzes how literary language enables women to reinterpret traumatic experiences, transforming them into artistic expression and political action. The interdisciplinary approach integrates literature, feminist theory, gender studies, and affect theory, inspired by the intimate methodology proposed by Eve Sedgwick. Furthermore, the study emphasizes the need for a broader understanding of domestic violence, based on Michael P. Johnson's coercive control model, fostering critical reflection on the interrelations between writing, memory, and female identity. Finally, the article highlights the importance of literature as a strategic tool in organizational studies, especially in promoting empathetic leadership, inclusive policies, and corporate cultures committed to gender equity.

Keywords: Gender-based violence. *Escrevivência*. Conceição Evaristo. Organizations

INTRODUÇÃO

A violência de gênero é uma das formas mais persistentes e estruturais de opressão enfrentadas pelas mulheres ao longo da história. No Brasil, essa questão é agravada por marcadores sociais como raça, classe e território, que aumentam a vulnerabilidade de determinados grupos. Nesse contexto, a literatura surge não apenas como espaço de denúncia da brutalidade cotidiana, mas também como instrumento de resistência, cura e reconstrução identitária.

A obra de **Conceição Evaristo**, especialmente por meio do conceito de **escrevivência**, destaca-se nesse processo ao articular memória, corpo e linguagem em narrativas intimamente ligadas à experiência feminina. Este artigo deriva da tese de doutorado de Vanessa Figueiredo de Souza de Alcantara (2024), intitulada *Becos das Escrevivências Femininas: Uma Análise Reflexiva do Uso da Linguagem por Mulheres Vítimas de Violência de Gênero*, defendida na Afya University – Unigranrio sob a orientação de Ana Carolina Motta. O estudo se propôs a examinar a escrita de mulheres que vivenciaram violência de gênero como prática transformadora nos âmbitos subjetivo, político e coletivo.

A pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar que integra referências da literatura, teoria feminista, estudos de gênero e teoria do afeto. A partir das obras *Becos da Memória* (1) e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2), investiga-se a escrita como recurso de enfrentamento, elaboração e denúncia da violência vivida. A escrevivência, entendida como escrita espontânea e visceral enraizada na experiência corporal e na memória, transforma dor em potência poética e política (3).

O estudo também se ancora na teoria do controle coercitivo de Michael P. Johnson (4), que oferece uma leitura ampliada e interseccional da violência doméstica ao articular dimensões psicológicas, sociais, criminais e culturais. Essa abordagem possibilita uma compreensão mais ampla das dinâmicas que sustentam a violência de gênero, contribuindo para práticas e políticas institucionais mais eficazes.

Inspirada na metodologia afetiva proposta por Eve Sedgwick em *Touching Feeling: Affect, Pedagogy, Performativity* (5), a pesquisa adota uma perspectiva subjetiva que entrelaça as experiências pessoais da pesquisadora com o objeto de estudo. Ao integrar o “eu” da autora às escrevivências analisadas, o artigo propõe uma forma de escrita que valoriza o afeto como categoria epistemológica e reconhece o papel das emoções na produção de conhecimento.

MÉTODO

Este estudo foi desenvolvido a partir de uma perspectiva interdisciplinar, articulando literatura, teoria feminista, estudos de gênero e teoria do afeto. O *corpus* principal da pesquisa compreende as obras *Becos da Memória* (1) e *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2), de Conceição Evaristo, que foram analisadas criticamente com foco na representação da violência de gênero, nos mecanismos de resistência e nas dimensões terapêuticas e políticas da escrita.

A investigação fundamenta-se no conceito de escrevivência (3), entendido como escrita visceral e espontânea enraizada na experiência corporal e na memória, e na teoria do controle coercitivo de Johnson (4), que amplia a compreensão da violência doméstica ao articular dimensões psicológicas, sociais, criminais e culturais. Além disso, adota-se a epistemologia do afeto proposta por Sedgwick (5), que reconhece emoções e subjetividade como categorias legítimas de produção de conhecimento.

O procedimento metodológico consistiu em leitura crítica e interpretativa das narrativas literárias, buscando identificar como a escrita se configura como recurso de enfrentamento, elaboração e denúncia da violência vivida. A análise foi conduzida em diálogo com referenciais teóricos feministas e interseccionais, permitindo compreender a escrevivência como prática estética, política e organizacional de resistência.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise sociológica da violência de gênero permite compreender o fenômeno em sua complexidade, revelando que não se trata de um evento isolado ou restrito ao âmbito privado, mas de uma prática estrutural que atravessa relações sociais, instituições e culturas. O capítulo examinado traz uma síntese das principais contribuições teóricas nesse campo, e ao expandi-lo, é possível aprofundar a articulação entre essas abordagens e o conceito de escrevivência, cunhado por Conceição Evaristo, como prática estética, política e metodológica de resistência.

Violência como fenômeno estrutural

A perspectiva sociológica, em contraste com abordagens psicológicas centradas no indivíduo, entende a violência como produto de desigualdades sociais e hierarquias de poder. Gelles e Straus (1) desenvolveram a teoria da violência doméstica a partir da tradição

marxista do conflito social, defendendo que os conflitos são inerentes à vida coletiva e que a violência emerge como resposta funcional em contextos de dominação. Essa leitura desloca o foco da patologia individual para as estruturas sociais que sustentam práticas violentas.

A criação da *Conflict Tactics Scale* (CTS) por Straus (2) foi um marco metodológico, permitindo mensurar episódios de violência entre parceiros íntimos. Os resultados obtidos com esse instrumento demonstram que desigualdades conjugais aumentam a probabilidade do uso da força como mecanismo de controle. Essa constatação reforça a ideia de que a violência é expressão de relações de poder assimétricas, e não mero desajuste relacional.

Feminismo e nomeação da violência

A teoria feminista, classificada como teoria de médio alcance, enfatiza que a violência contra mulheres está enraizada em sistemas patriarcais que historicamente as subordinam. Dobash e Dobash (3) defendem a importância de nomear o fenômeno como “violência contra mulheres”, evitando termos neutros que mascaram a desigualdade de gênero. Hattery e Smith (4) acrescentam que o sistema jurídico frequentemente reproduz a opressão ao tratar tais casos como questões privadas, oferecendo respostas insuficientes e perpetuando a impunidade.

Essa perspectiva é fundamental para compreender que a violência não é apenas física, mas também simbólica e institucional, manifestando-se em práticas de silenciamento, exclusão e desvalorização da competência feminina.

Interseccionalidade e múltiplos sistemas de dominação

A teoria interseccional, formulada por autoras como Crenshaw (5), Collins e hooks (6), amplia a análise ao considerar a sobreposição de gênero, raça, classe e sexualidade. Essa abordagem revela que mulheres negras vivenciam formas qualitativamente distintas de violência, frequentemente invisibilizadas pelas estatísticas e pelas políticas públicas.

No Brasil, os dados do Atlas da Violência (IPEA, 2023) mostram que mais de 60% das vítimas de feminicídio são mulheres negras, evidenciando a interação entre racismo estrutural e sexismo. Essa realidade reforça a necessidade de políticas públicas que reconheçam a especificidade das experiências de violência vividas por mulheres em diferentes contextos sociais.

Tipologias da violência doméstica

Johnson e Leone (7) contribuem ao diferenciar entre terrorismo íntimo, caracterizado por controle coercitivo sistemático, e violência situacional, derivada de conflitos isolados. Essa tipologia amplia a compreensão da diversidade de contextos relacionais em que a violência ocorre, permitindo distinguir entre dinâmicas de dominação contínua e episódios pontuais.

Essa distinção é relevante para a formulação de políticas de enfrentamento, pois indica que estratégias de intervenção devem considerar a natureza da violência e suas motivações.

Violência estrutural e exclusão social

A teoria da violência estrutural de Galtung (8) oferece uma lente analítica poderosa ao identificar formas institucionalizadas e invisíveis de exclusão e negação de direitos. Essa violência se manifesta na dificuldade de acesso a recursos básicos, como saúde, educação e justiça, e interage diretamente com desigualdades de gênero, raça e classe.

No contexto brasileiro, a violência estrutural se expressa na marginalização de mulheres negras e periféricas, que enfrentam barreiras sistemáticas para acessar serviços de proteção e justiça.

Escrevivência como prática estética e política

Ao integrar essas diferentes abordagens, a escrevivência de Evaristo se revela como prática estética e política que dialoga com as teorias sociológicas. Em obras como Ponciá Vicêncio (9) e Olhos d'Água (10), a autora inscreve experiências de dor e resistência de mulheres negras, transformando narrativas pessoais em denúncia coletiva. Como afirma Ribeiro (11), “escrevivenciar é dar forma à existência que racismo e sexismo insistem em apagar”.

A escrevivência cumpre múltiplas funções: dá visibilidade a sujeitos historicamente silenciados, transforma dor em potência criativa e reconfigura a subjetividade da mulher negra. Ao narrar histórias de personagens como Maria e Ana Davenga, Evaristo confronta o leitor com o horror do feminicídio e da naturalização da violência doméstica, mas também promove reflexão crítica sobre os mecanismos de reprodução da violência.

Dimensão terapêutica e metodológica

Além da dimensão política, a escrevivência possui caráter terapêutico. Ao narrar dor, silêncio e exclusão, Evaristo abre espaço para a reconstrução subjetiva e o fortalecimento

identitário. Essa escrita valoriza memória, experiência e afeto como fontes legítimas de produção de conhecimento, rompendo com a neutralidade epistemológica tradicional.

Sedgwick (5) defende que o afeto é uma categoria crítica e epistemológica capaz de desafiar regimes racionais hegemônicos. Nesse sentido, a escrevivência pode ser compreendida como metodologia afetiva, que reconhece o papel das emoções na construção do saber.

Implicações organizacionais

Ao ser incorporada aos estudos organizacionais, a escrevivência contribui para políticas de apoio às trabalhadoras, formação de lideranças empáticas e culturas corporativas comprometidas com equidade e responsabilidade social. Santos (12) defende a construção de uma “ecologia de saberes” que valorize epistemologias do Sul, ou seja, conhecimentos produzidos por sujeitos historicamente excluídos dos centros de poder.

Nesse cenário, a literatura de mulheres negras não apenas denuncia mecanismos de opressão, mas também propõe alternativas de existência e convivência, oferecendo recursos simbólicos e práticos para a construção de espaços mais humanos e inclusivos.

CONCLUSÃO

Os resultados demonstram que a violência de gênero deve ser compreendida como um fenômeno estrutural e interseccional, atravessado por desigualdades de classe, raça e gênero, e sustentado por práticas institucionais que perpetuam exclusão e silenciamento. A integração das diferentes teorias sociológicas analisadas, como conflito social, feminismo, interseccionalidade, tipologias da violência doméstica e violência estrutural, permite uma leitura mais abrangente e crítica do problema, evidenciando que nenhuma abordagem isolada é suficiente para explicar sua complexidade.

Nesse contexto, o conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo, revela-se como prática estética e política capaz de transformar experiências traumáticas em denúncia, resistência e reconstrução identitária. Ao inscrever a dor e a luta das mulheres negras no campo literário, Evaristo contribui para a visibilidade de sujeitos historicamente silenciados e oferece recursos simbólicos e metodológicos para repensar tanto a produção acadêmica quanto as práticas organizacionais, apontando caminhos para sociedades mais justas, inclusivas e comprometidas com a equidade. Assim, a escrevivência reafirma-se como um instrumento de denúncia e reconstrução, capaz de transformar não apenas a literatura, mas

também os espaços sociais e institucionais, apontando para a construção de sociedades mais equitativas e humanas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Alcantara VFS. Alleys of female *escrevivências*: A reflective analysis of language use by women victims of gender-based violence [tese de doutorado]. Rio de Janeiro: Universidade do Grande Rio (Unigranrio/AFYA); 2024.
2. Amaro V, Samyn HM. Quando eu morder a palavra: Entrevista com Conceição Evaristo e guia de leitura das suas obras. Rio de Janeiro: Malê; 2023.
3. Crenshaw K. Mapping the margins: Intersectionality, identity politics, and violence against women of color. *Stanford Law Rev.* 1991;43(6):1241–99.
4. Dobash RE, Dobash RP. Violence against wives: A case against the patriarchy. New York: Free Press; 1983.
5. Evaristo C. Ponciá Vicêncio. Rio de Janeiro: Pallas; 2003.
6. Evaristo C. Becos da memória. Rio de Janeiro: Pallas; 2006.
7. Evaristo C. Olhos d'Água. Rio de Janeiro: Pallas; 2014.
8. Evaristo C. Insubmissas lágrimas de mulheres. Rio de Janeiro: Malê; 2016.
9. Galtung J. Violence, peace, and peace research. *J Peace Res.* 1969;6(3):167–91.
10. Gelles RJ, Straus MA. Physical violence in American families: Risk factors and adaptations to violence in 8,145 families. New Brunswick: Transaction Publishers; 1989.
11. Gonzalez L. Racism and sexism in Brazilian culture. *Rev Ciências Sociais Hoje.* 1984; ANPOCS.
12. Hattery A, Smith E. The social dynamics of family violence. 2nd ed. Boulder: Westview Press; 2017.
13. hooks b. An interview with bell hooks: On cultural criticism. *Cult Critique.* 1995;32:57–74.
14. hooks b. Feminism is for everybody: Passionate politics. London: Pluto Press; 2000.
15. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas da violência 2023. Brasília: IPEA; 2023.
16. Johnson MP. Conflict and control: Gender symmetry and asymmetry in domestic violence. *Violence Against Women.* 2006;12(11):1003–18.
17. Johnson MP, Leone JM. The differential effects of intimate terrorism and situational couple violence. *J Fam Issues.* 2005;26(3):322–49.
18. Lorde A. Sister outsider: Essays and speeches. Berkeley: Crossing Press; 1984.
19. Ribeiro D. Quem tem medo do feminismo negro? São Paulo: Companhia das Letras; 2017.
20. Santos BS. Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Rev Crítica Ciênc Sociais.* 2007;78:3–46.
21. Santos M. Literatura negra e pedagogias da *escrevivência*: A poética da denúncia como ação política. *Rev Estud Feministas.* 2020;28(2):1–18.
22. Sedgwick EK. Touching feeling: Affect, pedagogy, performativity. Durham: Duke University Press; 2020.
23. Straus MA. Measuring intrafamily conflict and violence: The Conflict Tactics (CT) Scales. *J Marriage Fam.* 1973;35(3):553–68.